



CAPOZZOLI, Yasmin Berzin; TURTELLI, Larissa Sato. **Puxando fios de memória: o método BPI com pessoas na terceira idade.** Campinas: Unicamp. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Orientadora: Larissa Sato Turtelli. Bolsista CAPES.

PUXANDO FIOS DE MEMÓRIA: O MÉTODO BPI COM PESSOAS NA TERCEIRA IDADE

Yasmin Berzin Capazzoli

Larissa Sato Turtelli

RESUMO

Este texto parte da pesquisa de mestrado “Mãos que abrem caminhos do corpo: uma vivência do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) com pessoas na terceira idade”, orientada pela Profª Drª Larissa Turtelli, que teve como uma das ações ministrar aulas de dança para pessoas na terceira idade dentro do método BPI. Durante o ano de 2018, foram ministradas aulas de dança para três turmas de pessoas a partir de 50 anos no “Programa UniversIDADE: Um programa para a longevidade”, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNICAMP. Este artigo tem como objetivo expor algumas das vivências da primeira autora, orientada pela segunda autora, ao ministrar aulas para pessoas na terceira idade e as especificidades de se realizar um trabalho de criação em dança com pessoas nesta faixa etária. Destaca-se como foi realizado o trabalho com as memórias através do método BPI, bem como o uso das imagens simbólicas deste método, que estão imersas em uma memória afetiva ancestral, ligadas às culturas populares brasileiras.

Palavras-chave:

Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). Terceira Idade. Envelhecimento. Dança do Brasil. Ensino.

ABSTRACT

This text is part of the master's research “Hands that open paths of the body: an experience of the Dancer-Researcher-Interpreter (DRP) method with elderly people”, guided by Profª Drª Larissa Turtelli, who had as one of the actions to teach dance classes to elderly people using the DRP method. During 2018, dance classes were given to three classes of people aged 50 and over in the “Universidad Program: A program for longevity”, from the Dean of Extension and Culture at Unicamp. This article aims to expose some of the experiences of the first author, guided by the second author, when teaching, and the specifics of carrying out a creative work in dance with

people in this age group. It is noteworthy how the work with memories, carried out by the DRP method, as well as the use of symbolic images, are immersed in an ancestral affective memory, linked to Brazilian popular cultures.

Keywords:

Dancer-Researcher-Interpreter (DRP) Method. Seniors. Aging. Dance of Brasil. Teaching.

Este texto é um compartilhamento de aspectos levantados pelas oficinas de dança “Danças do Brasil e conhecimento de si”, ministradas pela primeira autora, com orientação da segunda autora, para pessoas a partir de 50 anos. As oficinas ocorreram no Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes da UNICAMP (DACO) em parceria com o “Programa UniversIDADE: Um programa para a longevidade”, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNICAMP. No primeiro semestre de 2018, foram realizados 12 encontros com a duração de duas horas para cada uma das duas turmas (A e B). Durante o segundo semestre do mesmo ano, foram realizados 11 encontros com a turma C, com a duração de duas horas cada um. Esta turma era formada por pessoas que já haviam feito as oficinas no semestre anterior e por outras que não haviam tido essa vivência. Ressalta-se que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e que não foram recolhidos dados antes da assinatura do Termo de Consentimento (TCLE) das participantes das oficinas.

O planejamento de cada encontro foi elaborado em conjunto com a orientadora utilizando-se o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). O método BPI é um processo de pesquisa e criação em dança que tem nas pesquisas de manifestações populares culturais brasileiras um fundamento para o trabalho corporal. Criado por Graziela Rodrigues, esse método tem sido utilizado dentro e fora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dando origem à produção de diversos espetáculos de dança e uma vasta bibliografia que o explicita e aprofunda. O trabalho realizado nas oficinas foi desenvolvido buscando a clareza das necessidades individuais das participantes, direcionando os procedimentos metodológicos do BPI para elas terem plenas condições de se aprofundarem no contato interno propiciado pela vivência do método.

A escolha de utilizar este método se deu a partir da vivência e afinidade da primeira autora com o mesmo e por este propor um olhar sensível ao outro, um olhar que percebe cada pessoa como um indivíduo único. Todo o planejamento das oficinas considerou a realidade das participantes, especialmente, suas condições corporais e

suas ligações com a cultura popular brasileira. Como sempre ocorre no método BPI, foi necessário durante o processo de proposição das oficinas que a mestrandia estivesse aberta para a percepção das condições individuais de cada participante, se colocando como diretora.

Durante a vivência da pesquisadora como docente das oficinas, observou-se que não seria coerente afirmar que o método BPI teve de ser adaptado para pessoas a partir de 50 anos, pois já é inerente a este método o seu direcionamento ao público específico ao qual será destinado. Assim, foi analisado como os procedimentos do método se desenvolveram no processo com essas pessoas específicas, na busca de potencializar suas habilidades psicofísicas.



Figura 01: Participantes da turma C dançando em roda - agosto, 2018. Acervo pessoal da primeira autora.

“Em que terra você nasceu?”. Essa foi uma das primeiras perguntas feitas para as alunas durante as oficinas, com o intuito de adentrar no eixo “Inventário no Corpo” do método BPI¹. Este foi o principal eixo explorado durante as oficinas e consiste no contato da intérprete com suas próprias memórias corporais, a fim de reconhecer em seu corpo aspectos relativos à sua história. Com esse processo a pessoa contacta memórias corporais referentes a uma identidade corporal sua, que integra aspectos psicológicos, fisiológicos e socioculturais. Acerca desse eixo, Rodrigues afirma:

¹ O Método BPI estrutura-se em três eixos que funcionam de maneira integrada: *Inventário no Corpo*, *Co-habitar com a Fonte* e *Estruturação da Personagem*[#] (Rodrigues, 2003).

[O]bjetiva-se realizar pequenas escavações em nossa história pessoal, cultural, social... recuperando fragmentos, pedaços de história que ficam incrustados inconscientemente nos músculos, nos ossos, na pele, no entorno do corpo e no “miolo do corpo”. Busca-se no corpo inteiro suas localidades e os seus afetos (não importa se são reais ou fictícios). Através do movimento, num tempo flexível, a proposta é que cada pessoa situe a sua realidade gestual, entre em contato profundo com suas sensações corporais (2003, p. 80).

Sem tempo a perder. Desejo de olhar para si mesma, afetos, cuidado de si, autopermissão. Consolidar novos aprendizados. Permitir que o corpo todo revele sua história, memórias de infância... A primeira aula de cada uma das turmas foi uma grande roda de conversa, na qual cada uma contou um pouco da sua história, descrevendo as paisagens dos lugares que brincavam quando criança, as pessoas próximas a elas, as relações delas com os espaços que frequentavam, as festas e danças populares que conheciam... Folias, procissões, festas juninas, quermesses, mutirões de colheita, capoeira, carnaval, maracatu, festas de santo, festas de candomblé, samba, ciranda.... Contaram sobre caminhos na cidade levando santos, cantos da família nas cozinhas e nos quintais das casas, desfiles e marchas nos aniversários das cidades que moravam, recebimento de bandeiras dentro de casa, fugas de palhaços de Folias de Reis, cavalgadas em romarias, brincadeiras e trabalhos no cultivo da terra...

Essa conversa inicial nas oficinas já foi puxando alguns fios de memórias das alunas ligados a paisagens, canções, sentimentos que vivenciavam quando criança ao ver ou a participarem de manifestações populares. Cada uma ia trazendo seus fios de histórias para tecerem em conjunto com a professora um grande bordado que mapeava alguns caminhos por onde cada uma delas passou. Esse contato inicial com a memória iniciou a aproximação das alunas com o Eixo “Inventário no Corpo”, e foi a partir desse primeiro mapeamento que mestrandas e orientadora pensaram as dinâmicas e os conteúdos que poderiam ser trabalhados em cada uma das turmas. Uma característica identificada nas participantes, desta faixa etária, consiste em sua facilidade e disponibilidade para se contactar com as próprias memórias, principalmente aquelas de longa duração, relacionadas ao período de vida da infância.

Chamou a atenção nesse momento a grande proximidade dessas pessoas com a cultura popular, se comparado com as jovens alunas do Curso de Graduação em Dança da UNICAMP, as quais, em grande parte das vezes, sentem-se distantes da cultura brasileira quando é tida esta primeira conversa. O que há de relação com

essa cultura em suas memórias corporais muitas vezes só vai ser revelado mais adiante nos trabalhos corporais.

O processo de realização das oficinas com pessoas na terceira idade trouxe à tona alguns conflitos para a primeira autora. Durante os primeiros encontros houve um sentimento de insegurança desta em se colocar como professora diante de um grupo formado por pessoas com mais idade que ela. Havia um medo de não ser aceita pelo grupo, de não haver confiança das participantes nela e que não gostassem da aula. Em um primeiro momento, houve muitas perguntas sobre a experiência e a idade da professora, sobre o método, sobre a pesquisa, sobre como seriam as aulas, entre outros. Esse contexto deu para esta uma impressão de que as participantes estavam testando-a, gerando esse sentimento de insegurança. Porém, ao longo do tempo, as relações entre as alunas e a professora foram estruturando-se de uma maneira que a deixava sentindo-se mais confortável com as alunas, nesse momento foi possível perceber que as participantes também começaram a desenvolver uma confiança maior na professora.

No final do primeiro semestre era notável o desenvolvimento do afeto da primeira autora em relação às pessoas participantes das oficinas e destas com ela. A maioria das participantes comentava que não fazem coisas que não gostam e que não acreditam. Frequentemente contavam que não tinham mais “tempo a perder” para frequentarem uma oficina que elas não gostam. Esse desejo das alunas de estarem nas oficinas gerava um estado de disponibilidade para vivenciarem o método BPI, o que auxiliou no desenvolvimento delas principalmente em aspectos relacionados ao contato consigo mesmas, com suas memórias, sensações e emoções. A participante Sandra² relata sobre suas memórias de infância:

A imagem da memória vem da Folia de Reis da minha cidade, festa junina, de novo da fazenda... Lá na fazenda tinha bailes de arrasta-pé, a união das pessoas nesse lugar, meu pai cantando... Essa mulher cantando esse lamento me lembra meu pai. As cirandas quando era pequena, eu dancei muito nos terreiros de terra bem grande dos colonos. De memória mais recente pamonhada em Morungaba. Tem uns negócios com milho e viola. A moda de viola do interior me chama a atenção também (Trecho de transcrição de áudio do relato de Sandra em 08/06/2018).

² Os nomes das alunas são fictícios a fim de contribuir para o anonimato dos relatos. Ressalta-se que todos os trechos de transcrições de áudios aqui utilizados possuem a aprovação do CEP para serem utilizados.

Aos poucos, as alunas foram revelando que as aulas eram um espaço onde podiam estar com a atenção somente nelas mesmas, sem se preocupar com a vida cotidiana. Muitas delas contavam que passaram grande parte da vida direcionando suas energias para o cuidado da casa, do marido, dos filhos, dos netos e dos pais. Algumas também ressaltaram que durante a vida vivenciaram grandes restrições a respeito de que tipo de roupas e quais comportamentos eram permitidos, o que contribuiu para potencializar nelas mesmas a autocensura e pudores acerca do que era ou não permitido. Foram frequentes comentários de que a vivência nas aulas contribuiu para que as alunas trabalhassem a autopermissão ao dançar, gerando, muitas vezes, a sensação de liberdade, como ressaltam, as alunas Vania e Marcela:

Alma leve... Calor da vida pulsando, muito bom! Mexer com a vida sem vergonha, sem pudor... Pude ser eu mesma, sem me preocupar com os outros... Sem invenção, só sendo eu do jeito que sou... Muito bom ser feliz sozinha! (Trecho fala de Vânia 15/06/2018)

O que pode acontecer quando você está dentro, num limite, tá limitado por uma linha e a tua liberdade é tão ampla! É mais do que se estivesse correndo pelo salão, pela universidade, porque ali você consegue dar asas ao teu sonho, aos teus movimentos, ao ouvido. Então eu acho que ali a sinestesia, a audição, o auditivo e o visual tá tudo junto e a gente exerce isso com tanta força, não sei dizer palavra, mas sem culpa, sem medo, sem julgamento (Trecho de relato de Marcela em 30/11/2018).

Geralmente, nesta faixa etária há uma maior dificuldade de consolidar novos aprendizados por conta da lentidão do corpo em constituir novas memórias de longa duração. Fisiologicamente, o envelhecer define-se por uma maior lentidão do corpo em realizar os processos fisiológicos que ocorrem o tempo todo a fim de manter a homeostase, ou seja, o corpo passa a ter que gastar maior energia para manter o equilíbrio das funções fisiológicas (ESQUENAZI *et al.*, 2014), por conta disto, ocorre uma maior limitação física em relação à mobilidade corporal. Evidenciou-se que o trabalho sensível proposto pelo BPI, que considera as memórias e emoções das intérpretes, foi fundamental para o aprendizado das alunas.

Ao ensinar para as alunas uma nova movimentação era necessária uma abordagem na qual seria possível que elas se conectassem de um modo mais sensível com a nova movimentação. Quanto mais elas se preocupavam em compreender a forma do movimento, mais difícil para elas era o aprendizado. Nesse sentido, destaca-se a importância do trabalho com a Técnica dos Sentidos, Estrutura Física e Anatomia Simbólica do método BPI (RODRIGUES, 2010), bem como as estratégias de utilização de diversos materiais durante as aulas (tecidos, argila,

bastões, entre outros). Nos momentos em que era esclarecido para as alunas quais eram as imagens simbólicas que estavam atreladas às movimentações, o aprendizado era maior, observava-se em seus corpos uma mudança na qualidade de movimentações quando esses campos imagéticos dos novos movimentos se conectavam com suas memórias de vida.

Nesses momentos era visível que havia uma mudança corporal nas alunas: a mobilidade se ampliava, o tônus se alterava, o equilíbrio melhorava e elas eram capazes de fazer movimentos que não eram capazes sem esse estado corporal. Assim, ao dançar tendo os movimentos impulsionados por imagens internas, intenções, sentimentos e memórias, isto é, movimentos com significados afetivos para a própria pessoa, as participantes conseguiam realizar movimentações que de outro modo não seria possível. Destaca-se que isto também ocorre com as alunas mais jovens que vivenciam o método BPI.

É importante ressaltar que essas imagens simbólicas utilizadas no método BPI estão imersas em uma memória afetiva ancestral, ligadas às culturas populares brasileiras. Diferem-se em muito de imagens comumente usadas em aulas de dança para referir-se ao eixo do corpo ou ao peso dos pés no solo, as quais não têm esse lastro afetivo na memória cultural.



Figura 02: Alunas de turma C em Laboratório Dirigido com tecidos no corpo - outubro, 2018. Acervo pessoal da primeira autora.

A disponibilidade das alunas em contactar suas memórias, foi outro ponto fundamental para que fosse possível o desenvolvimento das oficinas, principalmente nos Laboratórios Dirigidos. Dentro da perspectiva do método BPI, os Laboratórios Dirigidos ou Dojos (RODRIGUES, 2010), partem de um círculo feito pela pessoa em

torno de si, delimitando seu espaço pessoal. Dentro desse espaço a pessoa entra em contato com conteúdos internos seus via a Técnica dos Sentidos e a Técnica de Dança³. Pouco a pouco esse espaço vai sendo preenchido de movimentos, imagens, sensações e emoções, tornando-se uma ampliação do corpo da pessoa. Essa ferramenta é utilizada ao longo de todo o percurso de pesquisa no método, sendo direcionada para as necessidades da pessoa em cada uma das etapas do mesmo, como ressalta Rodrigues (2010, p. 02): “[os Laboratórios Dirigidos] são elaborados pelo Diretor de forma individualizada para que ocorra o reconhecimento da memória no eixo ‘Inventário no Corpo’, o reconhecimento do material da pesquisa em si mesmo e a nucleação da personagem”.



Figura 03 : Alunas de turma C em Laboratório Dirigido com objetos - novembro, 2018. Acervo pessoal da primeira autora.

Segundo os relatos das participantes, o momento de entrada nos Laboratórios Dirigidos era esperado em cada aula por ser um espaço positivo, no qual podiam entrar em contato com elas mesmas sem pensar nas responsabilidades do cotidiano. As alunas ressaltavam a importância dos Laboratórios Dirigidos como um espaço de percepção e cuidado de si, diluição da autocensura, contato interno sem

³ A vivência da pessoa no método BPI se dá por meio do funcionamento sistêmico entre os eixos e as cinco ferramentas do mesmo. As ferramentas são: Técnica de dança (constituída pela Estrutura Física e Anatomia Simbólica), Técnica dos Sentidos, Registros, Pesquisa de Campo e Laboratórios Dirigidos. (Rodrigues, 2003)

julgamentos do que é certo e errado, sem pudores. Um espaço para olhar para si mesma, de autoconhecimento, de vitalidade, de cura e de liberdade.

Dança dojo: leveza, liberdade, sentir e centralizar, pertencer (Trecho de transcrição de áudio de Nair 29/06/2018).

O dojo, o momento muito importante, eu creio, pra todos nós onde nos concentramos com corpo e alma. É o encontro total, físico e espiritual, colorido dos panos, o rabo, o modo da gente se comunicar. Hoje a gente se comunica na aula por movimentos (Trecho de relato de Fabiana em 09/11/2018).

Senti uma sensação muito de liberdade mesmo, porque um tempo atrás eu tive um problema de saúde e por conta disso eu não conseguia mais fazer alguns movimentos. Eu tinha medo, não tenho mais... hoje não! Hoje me deu uma liberdade, uma alegria, uma sensação de que eu posso fazer! (Comentário de Flora. Trecho de transcrição de áudio do dia 15/06/2018).

De repente naquele dojo eu me sentia integrada, assim, completa, feliz [...] hoje eu me senti livre, quando eu falei a palavra “liberdade” quando você disse “fale uma palavra”... “liberdade”, porque a nossa liberdade primeira é a nossa liberdade interior, nunca ninguém, jamais, vai retirar essa liberdade de dentro de nós. Nós somos a liberdade se quisermos ser liberdades, e não vamos ter medo, jamais, daqueles que não entendem esses sentimentos maravilhosos que circulam aqui e afloraram no coração de cada um de vocês (Relato de Ivete em 30/11/2018).

Ressalta-se por fim, a importância desta vivência das oficinas para as alunas, tanto no que se refere a aspectos da melhora da qualidade de vida dessas pessoas, quanto ao que se refere a auto-investigação pessoal, que contribuiu para que as alunas se propusessem a olhar para si mesmas, para suas memórias e histórias, para suas dificuldades e superar parte delas. Toda essa experiência contribuiu também para a formação artística, docente e humana da professora das oficinas.

Bibliografia

ESQUENAZI, Danuza; SILVA, Sandra Boiça da; GUIMARÃES, Marco Antônio. Aspectos fisiopatológicos do envelhecimento humano e quedas em idosos. *Revista HUPE*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 11 - 20, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/10124>> Acesso em: 15 jan. 2021.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. As Ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). In: *Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal*. 2010.

_____. *O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método*. 2003. 171p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.